

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
11 de fevereiro de 2022

THE BAND WAGON / 1953

(A Roda da Fortuna)

um filme de Vincente Minnelli

Realização: Vincente Minnelli / **Argumento:** Betty Comden, Adolph Green e Vincente Minnelli / **Fotografia:** Harry Jackson / **Décors:** Cedric Gibbons e Preston Ames / **Música:** Adolph Deutsch / **Canções:** "By Myself", "That's Entertainment", "Dancing in the Dark", "You and the Night and the Music", "Something to Remember You By" e "I Guess I'll Have to Change My Plans" de Arthur Schwartz (música) e Howard Dietz (letras) / **Coreografia:** Michael Kidd / **Guarda-Roupa:** Mary Ann Nyberg / **Interpretação:** Fred Astaire (Tony Hunter), Cyd Charisse (Gary), Jack Buchanan (Jeffrey Cordova), Oscar Levant (Lester Marton), Nanette Fabray (Lily Marton), Robert Gist (Hal Benton), Ava Gardner (no seu próprio papel), etc. (Cyd Charisse é dobrada nas canções por India Adams).

Produção: Arthur Freed para a Metro Goldwyn Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, Technicolor, legendada em português, 112 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 1 de Julho de 1953 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, a 15 de Abril de 1954 (reposição comercial na década de 70).

Dividem-se hoje as opiniões entre os que consideram **Singin' in the Rain** o melhor musical de todos os tempos e os que dão esse título ao filme que hoje vamos ver. De qualquer forma, poucos deixam de considerar estas duas obras os marcos mais gloriosos do género.

Sem me querer meter na longa conversa que há trinta e tal anos animou o nosso histórico Ciclo sobre "O Musical", acerca das decisivas transformações do género nos finais dos anos 40 e na década de 50, não posso deixar de registar que esta hipervalorização dos musicais da Metro e de Freed de 49 a 60, ou seja de **On the Town** de Donen e Kelly a **The Bells are Ringing** de Minnelli, foi muito discutida nos anos 70 quando se redescobriram os musicais da Warner dos anos 30, ou os musicais da Fox dos anos 40, da **Rua 42** e dos vários **Gold Diggers** a **The Gang's All Here** ou seja, aos musicais das portentosas coreografias de Berkeley. Há muito boa gente que sustenta hoje que esses musicais eram mais "puros", mais inventivos, menos apoiados na contribuição do argumento.

The Band Wagon é um filme que se presta admiravelmente a esta discussão, porque, de certo modo, é um filme sobre esta discussão. Os primeiros planos mostram-nos Fred Astaire (inseparavelmente ligado à máxima glória desses puros musicais, no seu caso os da RKO, ao tempo do seu lendário par com Ginger Rogers) esquecido e perdido, sem se adequar às novas modas. Estamos, desde o início, em mais um *film on the films*. Salvaguardadas todas as proporções (até porque Fred Astaire continuava muito activo) o actor surge-nos, no início, um pouco como Gloria Swanson em **Sunset Boulevard**. Sem perceber que a sua hora tinha passado e preparando-se para a multidão de repórteres que aguarda a chegada do comboio, convencido de que a manifestação era para ele, quando todos só ali estavam para esperar Ava Gardner.

The Band Wagon é a tentativa de Fred Astaire para mostrar que se adaptava ao novo género e que era capaz de triunfar nele. Mas é sobretudo (o aspecto autobiográfico é expressamente sublinhado no filme) a prova de que Fred Astaire era tão bom neste *new look*, como o tinha sido 20 ou 10 anos antes e que era capaz de bater Gene Kelly nos seus próprios terrenos. No fundo, é um filme sobre Astaire e para Astaire, dançando e cantando aos 53 anos, como o tinha feito aos

33 e aos 43. Por mais que se goste de Gene Kelly (e deve-se gostar muito) não há comparação possível. *The greatest dancer of them all* foi, é e será Fred Astaire.

De certo modo, o filme é também uma desforra de Minnelli. Apesar do êxito de **An American in Paris**, coroado de oscars e de milhões, muito se disse, quando **Singin' in the Rain** se estreou, que "aquilo" era outra conversa, e até acho que o disseram com razão. Mesmo uma revista que depois tanto defenderia Minnelli (refiro-me aos "Cahiers du Cinéma"), sustentava nos seus primeiros anos que Minnelli sem Gene Kelly era um pouco sopa sem sal e que grande parte dos méritos do primeiro se deviam ao segundo. **The Band Wagon** provocaria a falsidade de tal asserção como, depois, **Gigi** (1958) ou **The Bells Are Ringing** (1960).

Astaire e Minnelli conheciam-se muito bem um ao outro e conheciam muito bem todos os nomes da ficha técnica acima reproduzida, essa portentosa equipa criada por Arthur Freed e omnipresente em todos os grandes musicais da Metro dos anos 40 ou 50. Mas, como acima já se referiu, nunca tinham trabalhado com Comden e Green. E **The Band Wagon** é a história do irónico combate entre a concepção clássica dos musicais (a de Astaire e de Minnelli) e a concepção moderna do famoso par de argumentistas. Todos entram no filme, ou todos entram em cena, como em França se traduziu o título deste filme. Comden e Green retratam-se no casal Levant-Fabray, que reproduz, nesta obra, as concepções teóricas dos famosos argumentistas. E a grande partida de Minnelli, a sua grande vitória também, é fazer terminar o filme com um empate. Quando Levant e Fabray impõem a sua exclusiva concepção (com a célebre ideia, corrigida e aumentada, de adaptar os trágicos gregos ao mundo do bailado e convencendo o atónito Astaire que o musical podia ter a densidade trágica de Sófocles ou Shakespeare) é um fiasco. Mas, o musical também já não é só *that's entertainment*. A partir da entrada de Cyd Charisse no filme, estabelece-se uma espécie de aliança entre as convicções de Astaire ("*não sou Nijinsky, não sou Marlon Brando, sou um homem feito para divertir e entreter*") e as de Levant: ao fim de vários conflitos, sempre prodigiosamente rimados, as folhas do calendário podem voar, pode-se verificar que Tony Hunter de 1776, 1935 ou 1953 é o mesmo e é sempre diferente e pode-se entrar na alucinante meia hora final com a sucessão de famosos bailados *all over America* que provam que o musical é e será sempre *that's entertainment*. Mas está-nos reservada uma surpresa para o fim: é "Girl Hunt Ballet" efectivamente só possível nos anos 50, herdeiro directo do famoso "Broadway Melody Ballet" do **Singin' in the Rain** que, suprema ironia e suprema malícia do cineasta, é a única sequência do filme que não foi escrita por Comden e Green, mas se deve exclusivamente a Minnelli (donde, o nome deste aparecer também no argumento). Ou seja, quando se tratou de entrar no espírito e nas teorias dos dois argumentistas e do casal do filme, Minnelli tirou-lhes a pena da mão e foi ele quem concebeu o bailado mais directamente inspirado nessas teorias e nessa concepção. *The most beautiful* aparece na sequência dos *bads*, fantástica variação em torno do policial com Cyd Charisse e Fred Astaire na roda da máxima fortuna.

"Tudo o que acontece na vida pode acontecer num espectáculo. Podemos rir, podemos chorar. Tudo, tudo pode acontecer. O palco é um mundo, o mundo é um palco 'of entertainment'". Esta é a letra da canção-chave do filme, a que permite reunir, na mais admirável das sínteses, o antigo musical e o novo musical, ou acabar definitivamente com essa guerra do alecrim e da manjerona ou essa questão do antigo e do moderno.

Reevocando os seus próprios musicais (expressa citação de **The Pirate**) recriando-se no personagem de Jack Buchanan, Minnelli prova que tudo é uno e que no seu mundo cabe todo o cinema, todo o teatro e todas as paletas tonais. **The Band Wagon** diz-nos também tudo de cor: o impressionismo de Minnelli transfigura-se no verde e no encarnado do portentoso *ballet* final. Tudo nesse *ballet* é pura magia.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico